

## O programa “Profissão Repórter”, a representação identitária e a construção da imagem das vítimas de violência<sup>1</sup>

Luciano Teixeira de Paula<sup>2</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora

**Resumo:** O artigo discute como o telejornalismo ajuda na construção de identidades, principalmente no retrato das vítimas de violência no Rio de Janeiro. Ele analisa os discursos adotados pelo “Profissão Repórter” através de duas reportagens: “Hospital de guerra” e “A vida na linha de tiro”. As duas reportagens - quase uma hora de produção jornalística falando sobre o tema - foram escolhidas por abordarem a violência por arma de fogo e tratarem essa questão no Rio de Janeiro em uma (Hospital de guerra) e com destaque para a mesma cidade em outra (A vida na linha de tiro). Com esses relatos, queremos abordar se há uma visão diferenciada do programa na construção de um imaginário das periferias, notadamente a carioca, e se há no discurso uma outra construção da imagem relacionada a essas comunidades no telejornalismo da TV Globo.

**Palavras-Chave:** Telejornalismo; violência; identidade.

### 1. Mídia e representação

“Quando eliminaram as distâncias, suprimiram os deslocamentos e dispensaram a proximidade física, as telecomunicações definiram uma outra natureza para a cidade” (Fechine 2006). A mediação tecnológica configura um novo lugar. A transmissão televisiva por permitir a destinatários e destinatários compartilharem de uma mesma temporalidade é capaz de colocá-los em um mesmo lugar, num processo interacional.

Ao colocar os participantes num mesmo agora, transforma todas as suas distintas posições espaciais físicas num mesmo aqui – como um todo que sente a mesma coisa ao mesmo tempo sem que se saiba.

Com isso por meio dessas coberturas televisivas que o homem contemporâneo pode se sentir como participante da maioria dos grandes acontecimentos históricos e socioculturais e cada vez mais acontecimentos midiáticos. E a TV acaba por construir “um simulacro do ambiente privado propício às interações interpessoais” (Fechine 2006).

No Brasil, em muitos casos, principalmente na cobertura de meios hegemônicos, a periferia costuma ficar à margem da mídia, relegada à invisibilidade ou tratada de maneira

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Repórter TV Globo, pós-graduado pela Universidade Autônoma de Barcelona/ESP em Jornalismo de Guerra e mestrando em Comunicação e Identidades PPGCOM/UFJF. Email: lucianoreporter@live.com

estereotipada. Telejornais, novelas e seriados se habituaram a representar os bairros periféricos como o lugar da barbárie, do tráfico de drogas e da violência.

De uns tempos pra cá, como aponta Hamburguer (2003) o leque de representações disponíveis na TV vem se diversificando. Já há na TV Brasileira, pelo menos na teledramaturgia (como é o caso do seriado Cidade dos Homens exibido na Tv Globo a partir do início dos anos 2000), amostras da realidade da favela colocando em foco o ponto de vista dos moradores. E, claro, isso contradiz o estereótipo que reduz o universo da periferia à violência e às drogas.

Beatriz Becker fala da necessidade da pluralidade de conteúdos e diversidade de fontes e representações de grupos sociais.

Há pluralidade quando a cobertura jornalística de um jornal local ou nacional representa a pluralidade de interpretações e a multiplicidade de atores sociais. Para tal, na elaboração das pautas, é preciso estabelecer uma nova hierarquia de valores em sintonia com o interesse público, valorizando menos a agenda oficial e o próprio julgamento dos produtores sobre as demandas sociais, não temendo desmentidos, mantendo independência política e buscando fontes diversas. (BECKER, 2005, p. 51)

Mas essa história ainda é exceção. Será que há espaço por exemplo para discutir questões típicas do jovem da periferia? E será que esse espaço é maior no Profissão Repórter? Será que esses programas conferem aos sujeitos representados um lugar fixo ou genérico de representação?

É fato que nosso país é marcado pela grande desigualdade social, pela distância entre a periferia e a classe média. Segundo Melo se por um lado a classe média se “sente ameaçada pela periferia demonstrando medo e buscando manter distância desta os indivíduos marginalizados tem consciência de que os *outros* os olham como ameaça”.

Também é fato que favela e asfalto no caso do Rio de Janeiro são dois mundos, duas realidades distintas, dois países que ao mesmo tempo estão num mesmo espaço geográfico de uma cidade dividida.

A expansão territorial e a massificação da cidade, que reduziram as interações entre os bairros, ocorreram junto com a reinvenção de laços sociais e culturais que passam através do rádio e da televisão. Atualmente, são estes meios que, com sua lógica vertical e anônima, diagramam os novos vínculos invisíveis da cidade (CANCLINI, 1999,p.102).

De acordo com Kléber Mendonça em um cenário no qual o espaço produzido pelos meios de comunicação televisiva ocupa, ainda, um papel preponderante, “torna-se cada vez

mais urgente delimitar as características específicas e os múltiplos efeitos do novo lócus midiático da contemporaneidade”. Diante da constatação de que o telejornalismo desempenha, usualmente, o ambíguo papel de ator político e arena pública, é fundamental dimensionar as várias relações de força que emergem do encontro entre esse atípico espaço público e os múltiplos movimentos contestadores contemporâneos.

Segundo o pesquisador a questão que se coloca é dupla. Por um lado, é preciso mapear os modos de controle exercidos pela instância jornalística, fragmentada em veículos e meios distintos que acabam por contribuir para a emergência de uma espécie de consenso hegemônico (pela imagem e pelo discurso) acerca dos acontecimentos sociais, seus valores e suas interpretações. Na outra ponta da pesquisa, no entanto, é necessário entender as alterações provocadas nesse cenário pela emergência de novas práticas contestatórias e o entendimento, por parte desses atores políticos e sociais, da necessidade de desenvolver estratégias de comunicação, ampliando os embates políticos para o espaço de administração dos fluxos informativos.

Parte-se, portanto, da constatação de que as cidades, como os discursos, estão longe de possuir algo como uma essência concreta ou um sentido único. Como produtos (polissêmicos) de um processo complexo de apropriações simbólicas, espaços e discursos terão suas interpretações hegemônicas modificadas, gradualmente, em função das historicidades envolvidas no jogo de relações de poder que compõem a sociedade. (Conteúdo disponível em [http://www.uff.br/ppgcom/?page\\_id=917](http://www.uff.br/ppgcom/?page_id=917) – acesso em 23/06/2012)

As representações são sempre processos de apreensão e elaboração simbólica que se exerce com e sobre a linguagem. E nesse sentido há o conflito entre as vozes hegemônicas, representadas pelas classes dominantes que sempre costumam dar pouca visibilidade a este segmento na mídia.

Vale ressaltar que nosso percurso reflexivo tem como foco prioritário o diálogo do telejornal com o público, seja como princípio orientador e legitimador do telejornalismo ou ainda a partir dos olhares sobre suas lógicas de uso desse gênero informativo audiovisual. Dirigido ao grande público o telejornalismo sempre foi alvo de críticas com relação à profundidade de seus relatos e ainda com relação ao tipo de tratamento das temáticas convertidas em notícia, muitas vezes próximo do espetáculo. Apesar disso, é apenas a partir da queda nos índices de audiência e de credibilidade dos noticiários das grandes redes de televisão que há a perspectiva de reflexão dos próprios profissionais envolvidos no fazer jornalístico sobre a questão do público, quer como destinatário da produção midiática, quer como essência, valor social jornalismo. (...) Os discursos dos noticiários eletrônicos podem ser considerados uns dos mais persuasivos,

porque visam a convencer uma audiência significativa das verdades do Brasil e do mundo”. (BECKER, 2005).

Desde o início do século XX as favelas são construídas no imaginário dos habitantes da cidade do Rio de Janeiro como um lugar outro. Não há novidade em pensar que a cidade é partida, “o que mudou recentemente foi o modo como se concebe haver a divisão e as formas de se lidar com ela” (Cavalcanti, 2001).

A mudança histórica na imagem da favela será constituída a partir das diferenças no noticiário do crime, a questão do tráfico de drogas que hoje ordena o imaginário dessa cidade dividida.

Segundo Vaz, Sá-Carvalho e Pombo (2006) há o caráter de separação entre o próximo e o longínquo, que costuma sobrepor-se às diferenças entre o centro e a periferia, o conhecido e o desconhecido, o controlável e o aventureiro. No caso das favelas a criminalidade – e a diferença histórica no modo como esta é concebida – de seus moradores, estará associada a diversas outras marcas, geográficas ou não, na construção de uma alteridade.

Os mesmos autores afirmam que primeiro a precariedade das moradias e sua posição na encosta dos morros durante muito tempo foram relevantes na construção da diferença. Hoje essas características perderam relevância. Cada vez mais favela torna-se sinônimo de lugar onde há a organização criminosa própria ao varejo do tráfico de drogas. E isso transparece claramente nos noticiários. Coutinho e Musse fazem uma reflexão interessante essas subjetividades.

O telejornalismo seleciona as informações e cria uma cartografia da Nação, levando em consideração critérios altamente subjetivos. Existem Estados/Cidades/Bairros associados ao bem-estar, normalmente apresentados em matérias que seriam pertencentes às editorias de política, economia, cultura, esportes. Outros espaços urbanos, como aqueles das favelas, costumam aparecer com frequência em matérias de abordagens policiais ou então naquelas que poderiam ser classificadas como da editoria de “Cidade”, que privilegia problemas e reclamações dos moradores. (COUTINHO, Iluska; MUSSE, Christina Ferraz. Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 5., Aracajú. Anais. Aracaju: SBPJor, 2007)

Notícias que são veiculadas por um grupo hegemônico que muitas vezes faz a separação entre o “nós” e o “eles”. As notícias de crime são narrativas de sofrimento. Ainda segundo Vaz, Sá-Carvalho e Pombo para relatar um crime dentro de uma narração

jornalística seria preciso uma estratégia de generalização do evento, a proposição de um nexo entre a audiência e o criminoso ou a vítima.

Assim, o leitor de classe média é convidado a se pensar como uma vítima virtual do evento, na medida em que foi por mero acaso que não estava passando por ali naquela hora.

E aí isso ajuda a criar a crença de que as favelas são lugares de criminosos que em última instância são vítimas dos moradores do asfalto. E estes últimos devem mobilizar-se politicamente para levar a civilização às favelas e assim impedir que elas continuem a provocar sofrimento no asfalto. Não é o caso do que está acontecendo, do projeto de pacificação atualmente em curso? A própria palavra pacificação nos remete a uma espécie de novo colonialismo, da imposição da ideologia do asfalto sobre essas comunidades.

Assim, as favelas serão lugares de uma outra ordem, bárbara, a ameaçar a cidade, e que deve ser contida. A alteridade desse lugar depende da caracterização desses moradores.

E nas matérias dos programas jornalísticos com frequência figura a vítima do morro como exemplo extremo da ausência de poder público na cidade ou da ousadia dos criminosos. Assim, “é característico destas narrativas o fato de a vítima não ser individualizada e o motivo do crime ser menos importante, já que essa vitimização prenuncia um futuro catastrófico para os cariocas” (Vaz, Sá-Carvalho, Pombo, 2006). Há a “necessidade de dar conta [...] de que modo os cidadãos se tornam visíveis no espaço midiático, de analisar quais são as representações que os meios constroem da cidadania, e como se auto-representam os espaços de exercício da cidadania”. (MATA, 2006, p. 8). É preciso diversificar, porque “A notícia é, simultaneamente, um registro da realidade social e um produto dela, e as características de cada meio influem na estruturação das notícias” (VIZEU, 2005, p.13).

## **2. O papel da mídia na construção de identidades**

Como a questão social se intercambia com esse processo de formação de identidades quando discutimos a realidade dos cidadãos que são vítimas de violência no Rio de Janeiro? Como essas pessoas são “*re-a-presentadas*”, em que contexto e sob que ótica? Na tela da TV surgem cidadãos de fato ou apenas figurantes dos problemas narrados? Nas edições do *Profissão Repórter* eles podem exercer seu direito à comunicação, ou sua cidadania eletrônica é limitada pelos formatos e vozes globais? Quem são e o que fazem esses cidadãos que convivem com vários tipos de violência, muitas vezes no meio do fogo cruzado e das guerras constantes entre traficantes e a polícia? Esse é um tema importante no cotidiano do jornalismo brasileiro.

Ao falar de temas cotidianos, presentes na vida diária dos telespectadores, a tevê ajuda criar e consolidar uma esfera de debate comum dos brasileiros. Um debate que nasce marcado pela forma como a notícia é veiculada, pelos enquadramentos que formam imagens públicas e pela lógica jornalística, pautada pela economia de tempo, objetividade, concisão de texto, jogo de interesses e visões de mundo que nem sempre traduzem a realidade dos fatos.

O espaço dado aos conflitos urbanos nos dias atuais é imenso e atrai enormes audiências. Como o telejornalismo narra e constrói o retrato das vítimas? Quando analisamos a fundo as notícias do dia-a-dia desse conflito não declarado percebemos um certo padrão de conduta e de influência no cotidiano de milhões de expectadores. Interferências que vão meramente do nível subliminar ao explícito, já que é algo descrito pelo jornalista ou entrevistado. Ambos testemunhas de um fato, de algo descrito pelos olhos e que, portanto, é passível de interpretação individual.

Já que grande parte dos indivíduos usa os meios de comunicação como fonte de informação sobre a realidade, são estas imagens construídas principalmente pelos telejornais que serão traduzidas como “verdade” pelo imaginário coletivo.

Ao fim de tudo, o único espetáculo “grande público” de um país é a televisão, que é ao mesmo tempo uma das formas sutis dessa solidariedade diáfana que se instaura entre indivíduos que tudo separa, salvo terem visto, ao mesmo tempo, por razões diferentes e de maneiras diferentes, imagens a que aceitaram assistir, criando assim uma comunicação sem dúvida um pouco estranha, mas provavelmente típica da nossa sociedade “individualista de massa”. (WOLTON, 1996, p. 127).

Mas um dos fatos que incomoda é a aparente conformação da imprensa com o cotidiano de violência, o que ajuda a influenciar a opinião pública.

...o espetáculo dos desastres apresentados nos meios de comunicação também sustenta e reforça de outra maneira a indiferença ética rotineira, cotidiana, além de descarregar as reservas acumuladas de sentimentos morais. (BAUMAN, 1999, p. 83)

Em que medida o telejornalismo como serviço público limita o direito à informação e exclui da audiência, especialmente das vítimas representadas na tela, a possibilidade de exercício do direito à comunicação? “É por intermédio da TV que as classes B, C e D percebem os assuntos atuais, adquirem novos hábitos e desenvolvem uma linguagem comum” (KUCINSKI, 1998, p. 18). Como já dissemos neste artigo a pluralidade é um

desafio. Segundo Ramos a inclusão de todos os atores sociais é um dilema da sociedade atual.

(...) um dos maiores desafios na luta por um Estado democrático contemporâneo é o de resgatar o espaço público como formador das políticas sociais mediante a inclusão crescente de todos os atores sociais relevantes. Justamente o espaço público que, no capitalismo, é quase inteiramente constituído pelos meios de comunicação dos quais a maioria desses atores sociais encontra-se hoje quase que totalmente excluída” (RAMOS, 2005, p. 251)

Para Kucinski a exclusão em detrimento da formação da cidadania é em muitos casos um processo dominante das mídias na América Latina.

Enquanto nas economias centrais a mídia dissemina informação essencial ao processo de criação das expectativas racionais dos agentes econômicos, base do seu processo decisório, nas economias dependentes o que interessa à oligarquia é o acesso privilegiado ao aparelho do Estado e o poder de corromper, valendo-se da mídia apenas como balizadora genérica do ambiente político e de negócios. O Estado responde a pressões clientelistas ou se move por uma ideologia de verdades auto-proclamadas, tais como neoliberalismo, que funcionam como um substituto do conhecimento e da discussão racional num espaço público. (KUCINSKI, 1998, p. 19).

Como “atores sociais” relevantes, os meios de comunicação por muitas vezes redefinem a sociedade e a forma como determinados grupos são vistos. E a realidade de violência é mostrada em muitos casos como sendo uma característica do morador da periferia, negro, pobre e sem acesso aos serviços básicos do Estado. Um cidadão entre aspas, alguém à margem dentro da cidade e do país. Uma sombra da realidade brasileira e ao mesmo tempo um retrato, uma parte importante do que é a identidade nacional, apesar de ser essa realidade negada principalmente pelas elites e até a classe média brasileira. Ambas monopolizadoras dos veículos discursivos no país. Em sua tese de doutorado Abreu nos dá uma pista de como esse assunto começou a pautar a mídia carioca e nacional.

(...) com a disputa pelos pontos de venda da droga nas favelas, a violência saiu da periferia e começou a repercutir na Zona Sul da cidade. Começaram a aparecer na mídia matérias sobre tiroteios e confrontos entre policiais e traficantes. (ABREU, 2009, p. 111)

Se por um lado o jornalismo publiciza essa realidade em momentos especiais, de chamada “relevância jornalística”, como um conflito de gangues de traficantes que afeta a Zona Sul por exemplo, de outro nega a afirmação de uma outra visão por parte do telespectador. Na maioria dos casos esses sujeitos sociais são retratados somente nestes momentos “especiais”. Em poucos casos é dada outra forma de representação. As próprias

falas, na maioria reduzidas a poucos segundos e muitas vezes sem crédito, não permitem um certo protagonismo. Seriam eles massa de manobra, uma forma de confirmar a posição do jornalista e da própria emissora? Acreditamos que em muitos casos o profissional já sai com o fato e as conclusões na cabeça, antes de vivenciá-las. E na hora da elaboração o jornalista acaba abordando o entrevistado de forma viciada, induzindo-o a uma resposta pré-determinada.

E, em consequência disso, o atendimento de políticas públicas, o entendimento do fenômeno social, dos sujeitos, o questionamento da realidade vigente de violência e exclusão social passa então a ter relação fundamental, a depender em grande parte das vezes dos enquadramentos noticiosos dos veículos de comunicação, especialmente a televisão.

Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e freqüentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. Como o público é fragmentado no leitor ou no telespectador individual, ele só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela de realidade da qual ele é protagonista, testemunha ou agente direto, e que, portanto, conhece. A imensa parte da realidade, ele a capta por meio da imagem artificial e irreal da realidade criada pela imprensa; essa é, justamente, a parte da realidade que ele não percebe diretamente, mas aprende por conhecimento (ABRAMO, 2003, p.24).

Então, essa análise do discurso apresentado pelos telejornais da principal emissora de televisão do país sobre violência no Rio de Janeiro pode ajudar a entender as influências dos meios de comunicação hegemônicos na compreensão da questão social, da violência e insegurança nos grandes centros urbanos do país e, em consequência, como esses meios ajudam na personalização das vítimas e dão forma às percepções que os indivíduos têm da realidade.

Podem-se ler (ou ver), todos os dias, notícias sobre crimes, assassinatos, seqüestros. No monopólio dos meios de comunicação, toda a culpa pelos tormentos sofridos pela população recai sobre a tal criminalidade. O pânico, institucionalizado, prepara o terreno para um “clima de guerra”: moeda legitimadora da ação repressiva (...) É só olhar o Jornal Nacional. Os meios de comunicação pautam a polícia hoje. Eles criam a demanda por repressão e a legitimação dos excessos. Você apresenta, por exemplo, três matérias com o Fernandinho Beira-Mar e depois entra na favela matando dez pessoas. De vez em quando, tem de botar um colarinho branco na fogueira para legitimar o sistema penal. (BATISTA, 22/07/2009 em entrevista no site [www.anovademocracia.com.br](http://www.anovademocracia.com.br) – consulta em 13/06/2012 ).

Esse debate ajuda na compreensão da cobertura da violência nas comunidades, entre grupos e facções rivais, entre a polícia e traficantes, milícias e traficantes - e a “complexificação” desse fenômeno no reatamento junto à população, principalmente as pessoas com problemas de moradia e num contexto de exclusão social e pobreza. São elas que ficam no meio desse “conflito urbano. E muitas vezes acreditamos que os noticiários ajudam a reforçar a violência e o medo da população.

... a mídia ... não permite um aprofundamento do problema, faz questão de deixar num nível superficial apenas. E nós temos a Globo, com o monopólio da opinião pública. Os outros disputam, mas mais ou menos todos reproduzem o padrão da Globo. Então essa discussão de violência no Brasil não avança. A imprensa é estimuladora do medo. Ao ficar na superfície, as razões maiores do aumento da violência não são discutidas, então a gente não caminha pra frente. Nós estamos nos agarrando a um modelo que só vai gerar mais violência, um modelo de segurança pública, um modelo prisional. (...) A mídia faz parte, sim, do problema, mais forte do que há quinze ou vinte anos. (BATISTA, 07/08/2006 em entrevista no site [www.fazendomedia.com](http://www.fazendomedia.com) – consulta em 13/06/2012 ).

### **3. O programa Profissão Repórter**

O Profissão Repórter nasceu com a proposta de ser um programa diferenciado dentro da TV Globo. Como destaca o próprio nome, a idéia é dar um panorama de como é a vida e a execução da pauta jornalística. Por isso, os episódios que vão ao ar são focados em um assunto. A proposta do jornalista Caco Barcellos, uma espécie de diretor do programa e tutor de uma equipe de jovens repórteres, é ir às ruas para mostrar diferentes ângulos do mesmo fato, da mesma notícia. Tanto que logo no início do programa, na vinheta de abertura, a frase: “Os bastidores da notícia. Os desafios da reportagem”, afirma Barcellos, antes da sucessão de imagens, indicando que estes são os objetivos do programa.

Cada repórter tem sempre uma missão a cumprir, o que envolve tarefas tanto na realização da reportagem ao vivo quanto na finalização da matéria. Iniciado em 2006 como um quadro do Fantástico, tornou-se fixo na grade da Globo a partir de 3 junho de 2008. Uma proposta inicial onde já se tem uma diferenciação de outros programas de notícias da grade da emissora carioca. O Jornal Nacional e outros jornalísticos de rede têm em média entre 30 minutos e uma hora, mas o enfoque é generalista, com várias reportagens e diversos assuntos.

O programa é dividido em dois blocos, totalizando aproximadamente 25 minutos. A primeira parte da atração tem em média 18 minutos e a segunda sete minutos. As sonoras são mais longas e há mais tempo pra acompanhar a vida dos personagens. Em muitos casos os repórteres fazem um apanhado de vários dias da vida dos retratados.

Mas do ponto de vista do formato, o *Profissão Repórter*, dentro da grade da Rede Globo, aproxima-se mais do *Globo Repórter*. A diferença é que no “Profissão Repórter” os profissionais envolvidos nas reportagens também são personagens das matérias. As histórias de recém formados em jornalismo (preferência da direção do programa) se confundem com a dos retratados e as duas ações se desenvolvem paralelamente na ordem dos relatos e acontecimentos e no fim compõem o mesmo enredo: cada um no seu papel.

Caco Barcellos assume o papel de apresentador, editor, professor, repórter e narrador principal. Nesse esquema narrativo, ele sabe o que vai ser mostrado, apesar de não estar naquela cena. Os outros repórteres são os narradores-personagem. Incluem-se nas histórias e até se emocionam. Santos analisa a retórica do programa e a sua relação com os Estudos Culturais.

Mostrar os bastidores, na retórica do programa, serve para mostrar o desenvolvimento das histórias, colocando os jornalistas como personagens delas. O programa aproxima o jornalismo da sensibilidade, alterando a imagem defendida por certa tradição teórica que pensa que o jornalista tem que ser observador imparcial da realidade. É uma mudança na concepção do que é jornalismo, aproximando-se muito mais à concepção defendida por autores dos estudos culturais. (SANTOS, Thiago. *Infotainment na TV: as estratégias de endereçamento do Profissão Repórter*. Salvador, 2011 – consulta no site [www.jornalismo.org](http://www.jornalismo.org) em 31 de janeiro de 2012)

Por isso é possível ver tanto o desenrolar do tema proposto para o programa quanto o modo de confecção da pauta e da matéria jornalística. As experiências dos repórteres, dificuldades e formas de abordagem são rico material para contar a vida desses jovens. Aos jovens repórteres, é dado o lugar do inexperiente, aquele que ousa, que quer aprender, que não possui ainda a perícia técnica do jornalista experiente. Todas as estratégias utilizadas têm como objetivo possibilitar ao telespectador acessar o processo de construção das reportagens.

A audiência é tratada durante o programa como testemunha das histórias que ali estão sendo mostradas. Isso é bastante claro no formato, na forma como a edição é feita. E ao evidenciar os bastidores do processo de produção das reportagens, as reações dos repórteres e das fontes, a audiência é convidada a assistir todas aquelas etapas, a compartilhar as emoções com os repórteres e com os personagens ali mostrados. Em outro momento, os telespectadores são convidados diretamente para participar do programa, nem que seja em outro meio, no caso a internet. Em todas as edições analisadas, Caco Barcellos chama no fim, dizendo que o programa não termina naquele momento e que ele continua na internet. Nesta hora, Barcellos se direciona diretamente para a audiência olhando para a

câmera e utilizando o pronome “você”. Tomando este caso específico, surge uma dúvida: quando a mídia fala de seu funcionamento, o que espera do público? Como se manifesta a ele?

Ele simplesmente funciona como um mediador entre a notícia e o público, reportando os acontecimentos. (...) Sua originalidade reside, sobretudo na sua capacidade de mesclar diferentes gêneros, que convivem entre si de forma harmônica. E o resultado final é esse programa “híbrido” que inaugura uma nova maneira de transmitir a informação. (ARANTES, 2010)

#### **4. Análise das matérias**

Na primeira reportagem exibida em 24 de junho de 2008 (Hospital de guerra) o tema é o Hospital Getúlio Vargas, considerado um dos que mais atende vítimas de armas de fogo no país. Por estar numa região de 21 favelas ele recebe uma grande quantidade de feridos. Os repórteres acompanham a rotina do local durante 24 horas e relatam os casos que chegam na emergência e os dramas pessoais dos personagens. Destaque para a abertura: um corredor vazio e o som de choros. A repórter é personagem, vive o acontecimento: caminha e escuta o choro de parentes que logo depois são mostrados de longe. Na entrada, um homem chega já morto e a versão da polícia e dos médicos é confrontada, deixando para análise do espectador que pode ter havido uma execução por parte da polícia.

Durante o programa as vítimas são mostradas dentro de um contexto que não dá tempo de mostrar na maioria dos telejornais da TV Globo. Isso é evidenciado através do depoimento das famílias, que descrevem de forma mais detalhada a vida das vítimas antes de chegarem até o hospital em sonoras mais longas que nos telejornais que retratam o mesmo assunto. A reportagem também mostra o cotidiano dos profissionais que trabalham no local. Destaque para o maqueiro, responsável por levar as vítimas e é peça chave para relatar o cotidiano do hospital, linha condutora essencial em parte da narrativa.

Em outro momento, a matéria também denuncia a falta de medicamentos na farmácia. Nesse caso, a entrevista não é com um doente, mas sim com um funcionário acostumado a viver essa realidade. Destaque para a forma como a conversa é conduzida, no corredor, em movimento. Acreditamos que esse é um recurso que ajuda na ambientação do telespectador como testemunha, para dar uma espécie de “noção de realidade e veracidade” do que está acontecendo, uma tendência ao longo de todas as reportagens do programa.

O tom dinâmico das imagens beira ao documental. A câmera acompanha...treme...e praticamente reflete as emoções e os movimentos do cinegrafista. O programa também ouviu suspeitos de tráfico de drogas dentro do Hospital. Caco Barcelos dá voz a dois rapazes

e mostra o lado humano. Um quer se regenerar e está com medo da polícia. Outro que tem medo de tomar uma injeção. O contraponto é o trabalho do inspetor Ernesto, policial que circula até pela sala de emergência à procura de possíveis criminosos e tem uma liberdade e autoridade pouco vista na maioria dos hospitais brasileiros.

Depois do plantão a reportagem mostra um dia de confronto e dessa vez o destaque é para a movimentação da população em volta do hospital. A movimentação e os tiros do confronto entre polícia e traficantes são evidenciados em “sobe sons”. No meio dessa história o drama de Dona Lúcia, personagem que é vítima de bala perdida e que terá de conviver pelo resto da vida com um projétil alojado perto da coluna. O caminho que ela percorre e os exames são mostrados junto com Alexsandro, outra vítima de bala perdida de apenas 17 anos. Duas vítimas e uma rotina no hospital que mais tende feridos a bala no país, segundo o próprio programa. No fim um reencontro com dona Lúcia mostra como ela enfrenta a situação com bom humor.

A segunda reportagem, “Linha de tiro”, exibida em 22 de julho, mescla casos de violência no Recife, Rio de Janeiro, Campo Grande e no interior do Estado do Pará. E aí são usados recursos que até hoje são a marca do programa. Imagens “videoclipadas”, como a que aparece logo no início: um misto de cenas e sons fortes, enfocando a violência. Uma edição que também é marcada pelo paralelismo das histórias, contadas simultaneamente, dando a idéia de um mesmo contexto brasileiro. Caco Barcelos começa em Recife, a capital com maior número de homicídios no país, segundo o programa. Ele promete contar a história por detrás das 2300 assassinatos em apenas 6 meses. Seguem imagens de uma sucessão de mortes na periferia da cidade, mesclada com os relatos de moradores e profissionais envolvidos, que dão o perfil das vítimas: a maioria jovens de 15 a 20 e poucos anos.

No Rio de Janeiro cenas rápidas das notícias de assassinatos veiculadas nos telejornais encontram relação com a situação das escolas em áreas de risco, como uma no Complexo do Alemão. Alunos, professores e a diretora - que mostra os projéteis colhidos dentro do colégio – reforçam o cotidiano de um local que fica sitiado durante os conflitos armados. Em um deles 17 crianças foram baleadas. Nesse momento uma visão bem próxima da forma como essas notícias são exibidas nos telejornais da emissora.

E segue uma sucessão de casos. Uma ONG tem um contador de homicídios e jornalistas que pedem uma solução. A violência que atinge os alunos e que também afeta os professores, como o trauma de um homem que viu um aluno sendo torturado. A realidade

do bar com grades e da mulher que teve 5 filhos assassinados reforçam, revelam e denunciam a impunidade na solução dos crimes.

Em todas as reportagens alguns elementos são bastante comuns e identificam o formato do programa quando analisamos as imagens: montagens que se fragmentam em planos mais curtos, cortes rápidos e mudanças repentinas de cenários, mas relacionados no contexto da matéria. Na maioria dos casos a passagem de tempo e espaço é conduzida por uma edição de imagens, um *clip* com trilha, ou, então, por um depoimento.

Acreditamos que a marca que define o Profissão Repórter é o olhar dos diferentes planos das montagens. Em muitos momentos os jovens repórteres relatam os resultados das abordagens na rua para Caco Barcellos, que atua como professor e chefe ao mesmo tempo. Em outros, Barcellos assume a direção das reportagens, o que serve de certa forma de modelo da linha editorial do programa.

Como já foi descrito nesse artigo, a partir da observação das duas edições, é possível destacar a forte presença dos jornalistas como personagens da reportagem, a condução e direção de Caco Barcellos, o desenvolvimento da reportagem num tempo contínuo, e as condições de execução das matérias (surgimento da pauta, discussões entre os jornalistas, pesquisa, checagem de dados, gravação, condições técnicas, áudio, foco, cenas, edição, conversa com o diretor etc). Em algumas situações, o que vemos não é a reportagem em si, mas o discurso construído pelo *Profissão Repórter* sobre o que é a reportagem. O compromisso com o factual, prioridade na maioria das situações do programa, está nas discussões entre os repórteres para decidir o que vai ser colocado no ar. Isso está presente de forma especial e diferenciada em cada episódio.

A presença do repórter no palco do acontecimento é explorada como uma estratégia de autenticidade e como um símbolo da capacidade de cobertura da equipe jornalística, afirmando, de um lado, que o jornalista pode falhar, se equivocar, colocar sua subjetividade na notícia, mas mesmo assim, ele tenta mostrar, tenta encontrar os caminhos para contar o fato.

O sucesso da proposta levada ao telespectador não está no que é dito, mas na forma como a história é contada. Em algumas situações, há insistência em mostrar o repórter como aquele que conta o que é a realidade (como no caso de da cena em que a repórter está numa escola bem na linha de tiro do Morro do Alemão no Rio de Janeiro). Atesta -se, ainda, que a experiência do fato vai de encontro ao repórter, apontando uma direção (como no desvio da temática dos atendidos no hospital de guerra para a questão dos baixos salários

dos funcionários). Porém, especialmente na edição “A vida na linha de tiro”, evidencia-se que boa parte dos assassinatos nas regiões metropolitanas como a do Recife e Rio é de jovens: adolescentes de 15 a 20 anos. Ainda é evidente e repassa nas duas reportagens a questão da impunidade e falta de controle das autoridades. E, neste sentido, a discussão de que a mídia não apenas representa ou reflete a realidade, mas a constrói, é incorporada, já que os modos discursivos também são modos de agir, posicionar-se e intercambiar experiências, solicitando dos outros algum tipo de tomada de atitude.

## 5. Conclusão

Podemos afirmar, após a análise desse microcosmo de duas reportagens do *Profissão Repórter*, que o programa fala de si mesmo e do jornalismo, que os jornalistas explicam as suas práticas profissionais no decorrer da produção das histórias ali relatadas, com Barcellos sendo a figura que assume, retoricamente, a posição do sujeito que explica para os telespectadores os bastidores e os desafios de se fazer uma reportagem na televisão.

*Profissão Repórter* mostra uma espécie de cena do jornalismo: onde tudo acontece, como se faz para produzir notícia e com quais condições e dificuldades. O que se torna público é um certo lado possível de ser visualizado, sem constrangimentos para o meio de comunicação. E isso serviria para resgatar a confiança e atenção dos telespectadores ao jornalismo. Mas é preciso prestar atenção não só no que é dito.

...na análise de qualquer discurso, é preciso, de saída, compreender que não apenas as coisas ditas contam, pois as não ditas (o “silêncio” é componente importante do discurso) são às vezes tão ou mais relevantes. Importa ter em mente os efeitos diferenciados do discurso segundo a identidade e a posição de poder de quem fala e de quem ouve. (SILVA apud Foucault, 2005, tese de doutorado)

Mostrar como se filma, como se produz uma reportagem, como se faz uma entrevista, pode ser uma forma de naturalizar, por meio da discussão e desmontagem, o lugar do jornalismo como protagonista do ato de contar a atualidade. Pode ser uma forma de restabelecer o vínculo de confiança, neste caso, na capacidade do jornalista de investigar, de checar e, mesmo sendo susceptível de erros, de fazer o possível para levar a informação mais clara e completa para o leitor.

## Referências

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1 ed., 2003.

- ABREU, Aida Penna Campos. **O docudrama brasileiro: Cidade de Deus, Carandiru e Tropa de Elite**. Chapel Hill, 2009. Tese de doutorado.
- ALDÉ, Alessandra. **A construção da política: cidadão comum, mídia e atitude política**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1999
- BERGER, P. T., LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; Rio de Janeiro: DP&A, 4 ed., 2000.
- KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 1998.
- MELO, Jossé Marques de; SATHLER, Luciano (Orgs.). **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: Editora Umesp. 2005.
- MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional – A notícia faz a história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.
- MUSSE, Christina Ferraz; ARANTES, Haydê Sant’ Ana. **Profissão Repórter: Os Desafios da Nova Reportagem Investigativa na Tv.** – artigo apresentado XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010
- RABOY, M. **Mídia e Democratização na Sociedade da Informação**. In: MELO, J. M.; SATHLER, L. (Org.). **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo, SP. Editora Metodista. 2005.
- RAMOS, Murilo César Ramos. **Comunicação, direitos sociais e políticas públicas**. In: MELO, J. M.; SATHLER, L. (Org.). **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo, SP. Editora Metodista. 2005.
- SANTOS, Thiago Emanuel Ferreira. **Infotainment na tv: as estratégias de endereçamento do profissional repórter**. In: Gomes, Itania Maria Mota. **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: edufba: 2011.
- SILVA, Jorge. **Violência e identidade(s). “Nós” e “eles” no Rio de Janeiro, tomado como um lugar que discursa**. Arquivo em PDF
- VIZEU, Alfredo. **Telejornalismo, audiência e ética**. 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf> - consulta em 14/07/2011
- WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**. Uma teoria crítica da televisão. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Ed. Ática, 2006.
- Páginas de Internet**
- <http://profissoareporter.globo.com>>. Acesso em: 31 jan. 2012.
- <http://www.fazendomedia.com/novas/politica070806.htm> - consulta em 06/01/2012
- <http://www.anovademocracia.com.br/no-22/729-a-barbarie-do-capital-e-suas-taticas-de-perpetuacao> - consulta em 06/01/2012
- <http://g1.globo.com/videos/profissao-reporter/v/a-vida-na-linha-de-tiro/859076/>
- <http://g1.globo.com/videos/profissao-reporter/v/a-vida-de-quem-tem-como-sombra-segurancas/859094/>
- <http://g1.globo.com/videos/profissao-reporter/v/de-cara-para-a-violencia/846269/>
- <http://g1.globo.com/videos/profissao-reporter/v/mulher-atingida-por-bala-perdida-mostra-forca-e-bom-humor/846261/>